

# AUSÊNCIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS E FORMAS DE RESISTÊNCIA DA JUVENTUDE ASSENTADA

*Ana Flávia Flores<sup>1</sup>*

*Silvani Silva<sup>2</sup>*

*Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante<sup>3</sup>*

**Resumo:** Este trabalho teve como objetivo principal fazer um estudo sobre as políticas públicas voltadas para a juventude do assentamento Bela Vista do Chibarro, localizado no município de Araraquara/SP, atualmente com aproximadamente 223 famílias assentadas pelo INCRA. No caso apresentado neste texto, boa parte dos jovens migra para a cidade por falta de perspectivas de garantirem sua autonomia como trabalhadores rurais e por falta de políticas públicas que sejam direcionadas a eles. No entanto, os benefícios que a cidade oferece são considerados ilusórios, o que, ao primeiro momento, não é percebido e para serem usufruídos, demandam recursos financeiros. Quando retornam para o assentamento os jovens passam a ter um novo olhar sobre o local. Embora percebam que as condições econômicas e as políticas públicas pouco avançaram, buscam alternativas por conta própria. A pesquisa apresenta duas formas de resistência da juventude assentada: a primeira trata-se da atuação dos jovens na produção de hortaliças, na qual tem sido obtido resultados financeiros positivos e a segunda referência é um grupo do assentamento, chamado Grupo Pé

---

<sup>1</sup>Graduanda em Pedagogia da Terra na UFSCar. Pesquisadora bolsista I.C. – Funadesp – Nupedor (Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural). Uniara (Centro Universitário de Araraquara).

<sup>2</sup>Graduanda em Pedagogia da Terra na UFSCar. Pesquisadora bolsista I.C. – Funadesp – Nupedor (Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural). Uniara (Centro Universitário de Araraquara).

<sup>3</sup>Pesquisadora 1A CNPq, coordenadora do PPG em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente – Uniara e do Nupedor.

Vermelho, que desenvolve projetos de recuperação dos laços sociais e auto-estima dos moradores, com a participação da comunidade e de outros jovens.

**Palavras-chave:** Políticas Públicas; Formas de Resistências; Juventude Assentada.

***Abstract:** This paper examines the implications of public policies for the young people in the Bela Vista do Chibarro settlement, located in Araraquara town, Sao Paulo State, where, until these days INCRA has formally settled 223 families. In this paper we present a case study evaluation, where, most of the youth in the settlement migrate to the city due to their demand for autonomy since government is needed to offer prospects enforcing labor legislation for rural workers to ensure and establish guaranteed employment programs. However, the advantages and benefits of living in a big town are illusory and, indeed, at first this perception is not understood as illusion. However, as soon as they move to those cities they realize they were living lifestyles they cannot afford. These young people, upon returning to the rural settlement of origin, have a different impression of the place, whereas observing that little progress appears to have been made in economic conditions and public policies. The research encompasses two forms of resistance identified in the youth settled: the first deals with the role of young people in vegetable production, which have been achieved positive financial results and the second, is a group in the settlement, termed Grupo Pé Vermelho, that develops projects aimed at improving the quality of life for residents, especially strengthening social ties and positive self-esteem, including the community and other youth participation.*

**Keywords:** Public Policy; Forms of Resistance; Youth Settled.

## **Introdução**

O Assentamento Bela Vista está localizado no município de Araraquara/SP, foi declarado de interesse social, para fins de reforma agrária pelo Decreto 97.660, em 13 de abril de 1989. Atualmente, moram no assentamento 223 famílias divididas no mesmo número de lotes.

Este assentamento teve, em seus momentos históricos diferentes, importância em relação à região na qual está inserida, pois segundo Mascaro (2003), está constituído nas estruturas remanescentes de uma antiga fazenda do café, chamada

Bella Vista, estabelecida em fins do século XIX, na segunda metade da década de 1870<sup>4</sup>. Em agosto de 1934 a fazenda foi agrupada às terras de uma usina de açúcar (Usina Tamoio), sendo sua estrutura física aumentada e utilizada como vila operária (prédios, habitações, mão de obra) que acabaram servindo à produção do açúcar. Com a decadência da usina, as áreas da fazenda foram ocupadas por trabalhadores rurais boias-frias e desapropriada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA – para reforma agrária, no ano de 1989, na época com 176 famílias.

Desde a implantação do assentamento existe uma escassez de capital próprio e a insuficiência de recursos de crédito de custeio, acidez do solo e até a interferência de fatores naturais como estiagem e chuvas que comprometem bons resultados na produção. Além dessas condições, o tempo entre plantio e colheita é amplo, dificultando uma renda mensal regular para as famílias. A exploração agrícola se dá de forma individual, todavia vários produtores desenvolveram formas próprias de organizações (não formais) com vistas a alcançar uma maior racionalização no uso dos meios de produção.

A primeira safra comercial aconteceu em 1991/92. Dada a situação em que se encontrava o solo, infestado de gramíneas de porte alto e apresentando grandes quantidades de rebrota de cana, não foi possível uma preparação adequada da terra, o que se refletiu negativamente na produtividade. Outro fator que contribuiu para a baixa produtividade alcançada nas culturas foi o prolongamento da estiagem aos meses de verão. De outra parte, a acidez do solo existente na maioria dos lotes contribuiu para a queda da produtividade nas lavouras.

A escassez de capital próprio e a insuficiência dos recursos obtidos através do crédito de custeio impossibilitaram que se superassem as limitações antes apontadas, a fim de que se pudesse elevar a produtividade.

Segundo o INCRA, o assentamento já foi uma referência no desenvolvimento da reforma agrária brasileira. No início, os agricultores desenvolveram a agricultura dentro dos moldes ditados pelos órgãos do governo, eles se organizaram em cooperativas, buscaram créditos junto aos bancos e compraram máquinas para o trabalho em unidade diante de seus ideais. Mas não alcançaram bons resultados: as colheitas foram ruins devidos a vários motivos já esclarecidos e, com isso, os assentados ficaram endividados.

---

<sup>4</sup>Neste dado momento o nome da fazenda se escrevia Bella Vista, conforme segue a pesquisa muda para Bela Vista, mudando sua ortografia.

Deste modo, eles não conseguiram pagar os financiamentos, conseqüentemente não obtiveram mais crédito. Um fato comum à maioria dos pequenos agricultores e principalmente dos assentados de nosso país.

Muitos dos assentados perderam grande parte de suas lavouras, pois as condições climáticas não favoreceram o plantio e a chuva esperada não veio. Sem respaldo, com o sentimento de abandono, a plantação de cana foi sendo introduzida nos lotes através de parcerias com usinas locais.

É importante ressaltar que o assentamento está cercado por usinas, as mais próximas são as Usina Zanin (localizada bem ao lado) e a Corona<sup>5</sup>, mas como se não bastasse, Araraquara é uma das maiores regiões sucroalcooleira do país, tendo outras usinas: Maringá, Corona, Zanin, Santa Maria, Santa Cruz, dentre outras<sup>6</sup>. Esta característica regional favorecerá a entrada da cana no assentamento, pois aqui a cana é um produto de fácil comercialização. No entanto, Ferrante (2004) afirma que o desenvolvimento dos assentados terá, na problemática integração ao sistema produtivo da cana-de-açúcar, o maior polo de conflito, de certa maneira fechando um ciclo de contradições sociais que tem justamente na economia sucroalcooleira seu principal eixo.

Nos anos iniciais do assentamento, o órgão federal responsável esteve ausente, deixando por conta do Instituto de Terras do Estado de São Paulo – ITESP a responsabilidade da assistência técnica. A falta de acompanhamento ocasionou problemas que poderiam ter sido evitados se houvesse, na trajetória do assentamento, uma fiscalização da conduta dos assentados e incentivo a outras alternativas produtivas por meio de políticas públicas.

Em 2003, o INCRA retorna ao assentamento numa tentativa de recuperação do mesmo. Neste ano, foram adotados procedimentos de regularização dos lotes, mas os assentados não acreditavam no órgão federal por conseqüência do descaso de gestões anteriores e mantiveram os mesmos posicionamentos irregulares, de modo que o INCRA entrou com ações judiciais de reintegração de posse.

Em 2007 apenas alguns assentados resistiam à cana. O INCRA dando seqüência as ações de regularização, no dia 10 de Dezembro do mesmo ano,

---

<sup>5</sup>Atualmente as Usinas Zanin e Corona foram compradas pela maior produtora de açúcar e álcool do mundo a Cosan S/A Indústria e Comércio

<sup>6</sup>Há que se resaltar o intenso processo de internacionalização das usinas, cujos efeitos se fazem sentir igualmente na região de Araraquara.

cumpra 11 mandados de reintegração de posse, sendo cinco lotes ocupados irregularmente (compra e venda de lotes); uma construção em área comunitária; uma ocupação e construção irregulares em área de reserva legal transformada em lote de produção; dois que acumularam lotes, nos quais desenvolviam a monocultura da cana-de-açúcar em regime de arrendamento, disfarçado de parceria/ compra e venda de insumos com uma usina local, sem contar que estes ocupavam ainda irregularmente as áreas de reserva legais e área de preservação permanente com pastagem do gado adquirido através de financiamento dos Programas Oficiais (PROCERA e PRONAF) e outras duas famílias, desenvolviam as mesmas condições de exploração.

Após a reintegração de posse, foi feita uma avaliação, para modificação do tamanho do lote, passando de 6 hectares para 3 hectares, ou seja, criou dois novos lotes com o assentamento de famílias regularmente aprovadas pelo processo de seleção com a Norma de Execução nº 45/2005.

No mesmo mês, 17 famílias, parte composta por filhos e parentes agregados e assentados e parte composta por trabalhadores rurais sem terra da região, foram assentadas nas áreas de produção retomadas. Entretanto, no dia 30 de dezembro de 2007, as famílias despejadas apoiadas por outros indivíduos, agindo cruel e criminosamente agrediram fisicamente e atearam fogo aos bens (mantimentos, carros, barracos) das pessoas recém assentadas pelo INCRA no Projeto de Assentamentos Bela Vista do Chibarro.

Mediante o conflito, boa parte das famílias que estavam irregulares procura o Sindicato Rural dos Empregados Assalariados de Araraquara ligado à Federação dos Empregados Rurais e Assalariados do Estado de São Paulo – FERAESP – para intermediar a regularização dos lotes e principalmente romper com o contrato da parceria com a usina. Todavia, um grupo não aderiu à proposta de negociação continuando irregular perante o INCRA e isto tem ocasionado vários conflitos dentro do assentamento.

Apesar do rompimento da parceria com a usina, a colheita da cana continua sendo feita pela mesma usina sob autorização do órgão gestor do assentamento, por isso desde 2008 os assentados vivem a angústia se poderão ou não cortar a cana do seu lote. Apesar da tentativa de regularização, a situação da cana ainda é um imbróglio.

Não obstante, alternativas estão sendo desenvolvidas no assentamento, merecendo destaque as experiências coletivas de cunho familiar na produção de hortaliças. Estas experiências têm apontado outro horizonte para os assentados, pois apresentam formas de desenvolvimento que são coerentes com as normas

da agricultura familiar. Todavia, mesmo encontrado um caminho possível para a coletividade, os assentados ainda estão sofrendo a falta de políticas públicas que poderá fomentar a estabilidade dos agricultores. A estabilidade econômica da família assentada estimula a permanência das futuras gerações, sem ela haverá sempre evasão, pois, para os jovens, o campo não tem oferecido muitos atrativos.

### **Juventude assentada: guardiã do futuro do assentamento?**

Vários países e instituições de pesquisa determinam juventude a partir de uma abordagem cronológica de idade. Segundo Troian, *et. al.* (2009 p.04), o Brasil "segue o padrão de análise da Organização Ibero-Americana da Juventude (OIJ), considerando jovens as pessoas que se encontram na faixa etária de 15 a 29 anos". Conforme este padrão de análise, atualmente no assentamento Bela Vista, existe em torno de 300 jovens que enfrentam, de forma acentuada, a ausência de políticas públicas a eles dirigidas.

Juventude é considerado o período de autoidentificação, bem como de desenvolvimento humano que requer direitos e deveres específicos. Segundo Carneiro e Castro (apud TROIAN, 2009, p.03)

O termo juventude remete a uma série de conceitos, aos quais muitos especialistas definem de maneiras divergentes. Culturalmente determinada, ao início da vida profissional, à saída da casa paterna ou à constituição de uma nova família ou, ainda, simplesmente a uma faixa etária.

Esta é uma fase de mudanças, por si polêmicas, isto é, são pessoas que estão deixando de ser crianças e partindo para a fase adulta e isso requer enfrentamentos da realidade, questões hormonais, afirmação da personalidade e fase de decisões que farão diferença na vida adulta. Naturalmente, assim acontece no meio rural, é nesta fase que surgem os questionamentos quanto à permanência na propriedade dos pais e, conseqüentemente, continuidade dos afazeres da família ou distanciamento da propriedade rural familiar com interesse no modo de vida nas cidades.

Observa-se no assentamento Bela Vista do Chibarro um distanciamento por parte de alguns jovens com relação ao trabalho agrícola, um desinteresse e, talvez mesmo, rejeição à cultura camponesa. Por um lado, a ausência de perspectiva de permanência no campo e, por outro, o sonho, ou ilusão de uma vida na cidade e de um trabalho assalariado para o qual não há preparo e qualificação. Diante dessa situação, Whitaker aponta que:

Um equívoco nas avaliações daqueles que desconhecem a realidade dos assentados, está em acusar os jovens de abandonarem o campo em busca da cidade, como se houvesse uma "força jovem" interior a comandar mecanicamente. Na realidade, os projetos de assentamento é que não prevêm a continuidade das gerações (2006, p.115).

No caso do assentamento Bela Vista não é diferente, pois boa parte dos jovens migra para a cidade por falta de perspectivas de garantirem sua autonomia como trabalhadores rurais e por falta de políticas públicas que sejam direcionadas a eles. Diante desta ausência de perspectiva, oportunidades de emprego, acesso ao lazer e à cultura são os ilusórios benefícios que a cidade oferece que passam a ser valorizados, mas, que para serem usufruídos, demandam recursos financeiros.

Como já mencionamos, a juventude em questão encontra-se encurralada entre a falta de perspectivas em relação à geração de renda, à ausência de qualificação, tanto para o trabalho agrícola quanto para a migração na vida urbana. Pois, segundo Vantroba (2009) "para muitos destes, o principal motivo que os leva a abandonar o campo não é a vontade de viver na agitação das cidades e sim pela impossibilidade destes alcançarem seu pleno desenvolvimento econômico através de atividades agrárias." (p.05).

Os pretextos que levam ao deslocamento dos jovens para a cidade são dificuldades da vida no meio rural, como a falta de autonomia, financiamentos, assistência técnica para projetos em que os interesses dos jovens sejam levados em conta. Com a falta de recursos os jovens migram para a cidade, pois a mesma passa a ser um atrativo tanto financeiro como para o acesso ao lazer e cultura.

Assim, estas vantagens vão desaparecendo na medida em que as dificuldades na cidade aparecem trazendo consequências diversas que, no primeiro momento, não são percebidas, como por exemplo, o custo de vida neste novo meio social. Os empregos encontrados pela maioria dos jovens que saem do assentamento são reflexos da baixa escolarização e qualificação, possibilidades encontradas por eles são vagas em redes de supermercado ou comércio da cidade, os quais não lhes garantem autonomia nem perspectivas de ascensão social.

Apesar de saírem do assentamento, os jovens continuam contribuindo financeiramente com suas famílias e, nos finais de semana, retornam para o assentamento e ajudam na lavoura. Este costume de estar presente na vida familiar assegura a possibilidade de um retorno ao assentamento após, muitas vezes, a frustrada experiência vivenciada.

Em sua maior parte, os motivos de retorno dos jovens ao assentamento são as dificuldades financeiras causadas principalmente pelo desemprego. Quando retornam, esses jovens passam a ter um novo olhar sobre o assentamento, embora percebam que as condições econômicas do local e as políticas públicas pouco avançaram. No entanto, constatam que o custo de vida no meio rural é menor do que no meio urbano e também há relativa liberdade do agricultor, que não depende de um patrão. Além da produção agrícola (horta, fruticultura, milho e criação de animais, etc.) outros jovens retornam ao assentamento na expectativa de trabalhar em atividades que ainda não são desenvolvidas na comunidade (cultura, lazer, turismo rural, etc.). Pois, "a terra, aos olhos das famílias, é o aconchego, o porto seguro, banhado pela fecundidade da terra e da mãe, ambas nutridoras de sonhos e acalentos que povoam o imaginário e desejos de homens e mulheres que buscam um lugar para reescreverem sua história" (FARIAS, 2008, p.165).

### **Protagonismo juvenil: novos horizontes em cena**

Podemos destacar no assentamento Bela Vista duas experiências nas quais os protagonistas são os jovens. A primeira trata-se da atuação dos jovens na produção de hortaliças, que têm sido obtidos resultados financeiros positivos. Embora esses jovens não tenham financiamentos e formação para desenvolver esta atividade, nota-se que há o empenho tanto por parte deles, quanto um incentivo dos pais para garantir o êxito da atividade.

Nota-se que o recurso para iniciar a produção advém da família, pois apesar de existir, dentro do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, uma linha direcionada para os jovens denominada de PRONAF-JOVEM, este investimento não tem atendido à juventude rural por conta da burocratização do programa. Esta linha de crédito exige a escolarização dos jovens em cursos de escolas técnicas agrícolas de nível médio, ou que tenham participado do curso ou estágio de formação profissional que preenche os requisitos definidos pela Secretaria da Agricultura Familiar do Ministério do Desenvolvimento Agrário.

Um filho de assentado, no ano de 2010, sabendo do crédito procurou a agência do Banco do Brasil de Araraquara para obter o financiamento, mas além de não preencher os requisitos, foi informado pela gerente responsável pelo setor que na agência não houve nenhum financiamento desde a implantação do programa e por isso o banco tirou o PRONAF-JOVEM de circulação. Esta informação contrasta com a informação dada por outro jovem de uma cidade



vizinha, que disse que acessou o crédito em 2010 na agência do Banco do Brasil de Pradópolis.

Apesar de o programa existir desde 2004, observa-se que os jovens não sabem da existência desta linha de crédito, o que é também um problema, pois a divulgação se concentra em panfletos que são distribuídos nos escritórios e por técnicos, às vezes não chegam ao conhecimento daqueles que podem se beneficiar com ele.

O limite de crédito por beneficiário é de R\$10.000,00, um valor que poderia alavancar o processo produtivo, mas o atrativo principal desta linha de crédito é a carência de três anos que pode ser elevada para cinco anos. Também a taxa de juros se apresenta de forma satisfatória, de 1% ao ano. Todavia, este crédito está distante da realidade dos jovens, por ser critério o curso técnico agrícola o que nesta região já é um problema, pois apesar de existirem escolas técnicas, estas também possuem seus critérios, como os processos seletivos que são crivos que podem impedir a entrada dos jovens. O segundo fator é própria comunicação que se dá de forma insatisfatória nos assentamentos. Mas também uma falta e limitação da assistência técnica para os jovens assentados.

Apesar de não ter curso técnico agrícola, a maioria dos jovens que constitui esta iniciativa cursou o ensino médio, tiveram experiências no meio urbano e hoje manifestam o desejo de permanecer no assentamento e contribuir com o desenvolvimento da comunidade. Ao contrário dos pioneiros que conquistaram o assentamento, com poucas exceções, estes jovens são receptivos às questões que envolvem meio ambiente, tecnologia, diversificação da produção agrícola, sendo importantes atores para fomentar a agricultura familiar.

Os jovens também conseguem agregar o conhecimento transmitido pelos seus pais com outros conhecimentos, advindo de livros, cartilhas, programas televisivos e internet. Embora no assentamento os jovens não tenham acesso à internet, isso não impede, mas complica, pois eles têm que ir até a cidade atrás de casas de conexão como as *lan houses* para fazer suas pesquisas. Situação a indicar que a inclusão digital ainda está distante da realidade das comunidades assentadas. Porém, entendemos que os jovens têm interesse de atualizar seus conhecimentos e são ávidos para aprender formas de promover sua atividade através das tecnologias de informação.

Com muito esforço estes jovens têm produzido brócolis, pepino, alface, couve-flor, couve, feijão de corda, tomate, maracujá, abacaxi e milho que são comercializados nos varejões, Programa de Aquisição de Alimentos – PAA e terminal de Araraquara. Também entregam para a prefeitura de São Carlos e

participam da feira do produtor realizada no domingo na periferia da cidade. Em entrevista com um jovem este revelou que tem faturado em média R\$ 300,00 por fim de semana na feira de São Carlos e isto lhe tem possibilitado pagar o financiamento de um carro.

Esta experiência apresenta resultados positivos, mas estes foram alcançados através de muito trabalho e dedicação de quem tem o dom de fecundar a terra e colher seus frutos. Embora nos últimos anos tenhamos avançado em políticas públicas, ainda existe um longo caminho para garantir uma vida menos sofrida e mais digna para os agricultores e os jovens da área rural.

A segunda experiência de jovens é um grupo do assentamento, chamado Grupo Pé Vermelho, composto por estudantes do curso de Pedagogia da Terra<sup>7</sup> (UFSCar) e filhos de assentados, que têm desenvolvido parcerias para atuar na comunidade. O grupo nasceu a partir da pesquisa destes estudantes sobre a história do assentamento e os vários processos de lutas desencadeados na região pela reforma agrária, pois perceberam a importância dos fatos históricos que formaram sua comunidade.

O nome do grupo foi escolhido para reafirmar a identidade dos jovens assentados com a terra e enfrentar o preconceito que sofrem no dia-a-dia da cidade, ao serem chamados de pés vermelhos. No intuito de romper com esse estigma, passaram a ser, simbolicamente, uma representação da luta pela terra. Sendo assim,

Conhecer como um determinado grupo social organiza seu conhecimento sobre o passado, quais os elementos e práticas presentes na construção/reconstrução de sua *identidade*, para si e para os outros (...), implica abordarmos as memórias constituintes dessa *identidade* que, narradas e renarradas aos diferentes indivíduos e gerações, possibilitam compreender como esse grupo tornou-se o que é (LUCINI, 2007, p. 89).

O objetivo do grupo é desenvolver projetos de recuperação dos laços sociais

---

<sup>7</sup>Curso de Graduação em Pedagogia promovido através do convênio INCRA/PRONERA, UFSCar e Movimentos Sociais do Campo: Federação da Agricultura Familiar (FAF), Federação dos Empregados Rurais e Assalariados do Estado de São Paulo (FERAESP), Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e Organização de Mulheres Quilombolas e Assentadas do Estado de São Paulo (OMAQUESP).

e autoestima dos moradores, com a participação da comunidade e outros jovens, a fim de recuperar o espírito de coletividade do assentamento. Vejamos a seguir, como se deu este processo de construção e ações deste grupo.

### **Ações em movimento: a politização dos espaços de sociabilidade**

Desde 2005 no assentamento não havia momento festivo, onde todos pudessem se encontrar. A fim de melhorar isso, a primeira ação do grupo foi uma noite cultural no dia 13 de setembro de 2008, que reuniu vários moradores do assentamento, tanto os mais antigos, quanto os mais jovens. Além disso, a participação das famílias na doação de alimentos para o lanche coletivo foi surpreendente.

Outro fator importante e um dos atrativos principais desta noite foi a apresentação dos artistas do assentamento, sendo que os mais idosos puderam cantar modas de viola, os mais jovens tocaram e cantaram músicas sertanejas, uma família de cantores tocou e cantou forró, fizeram contação de história e também a apresentação de fotos dos momentos importantes do assentamento, das pessoas pioneiras da luta e das antigas festas promovidas pelos assentados no início do assentamento, momento este cercado de emoção por lembrarem daqueles, em princípios esquecidos em suas memórias. Pois:

O trabalho de organização e seleção das memórias de um grupo efetiva-se pela mobilização de um sentimento de unidade, em que coerência e continuidade são elementos identitários, ou, como diz a autora, são a sua identidade. Nesse momento situa-se a importância de conhecer a história de memórias (ALBERTI apud LUCINI, 2007, p. 93).

A segunda ação deste grupo foi a comemoração do dia das crianças no ano de 2008, com o intuito de organizar e potencializar a participação da comunidade e proporcionar às crianças um momento alegre e festivo. As crianças tiveram, na parte da manhã, gincanas e foram divididas em equipes e à tarde puderam brincar no pula-pula, se deliciarem com algodão doce e assistiram às apresentações de fantoches e uma peça de teatro. Os jovens da comunidade e voluntários da cidade ficaram responsáveis por serem monitores das equipes no momento da gincana e também contribuir na decoração da festa e as mulheres responsáveis por fazerem os lanches.

Para a realização do dia, o Pé Vermelho teve contribuição da Federação dos Empregados Rurais e Assalariados do Estado de São Paulo - FERAESP e do

INCRA, juntamente com outras parcerias que contribuíram financeiramente. Todos tiveram a oportunidade de proporcionar um dia que ficou na memória das crianças como o dia das crianças mais feliz que tiveram e tudo isso foi retratado em redações.

Este dia foi marcado pela participação coletiva de jovens e mulheres assentadas que contribuíram para que esta comemoração pudesse acontecer. Foi um trabalho voluntário e coletivo da comunidade. O espaço está sujeito ao movimento social e as mudanças nas dinâmicas sociais, que trazem novas significações para a retomada e valorização dos espaços de sociabilidade para jovens e moradores do assentamento.

As reuniões que se seguiram deram voz cada vez maior às manifestações coletivas. Foi no dia 28 de março de 2009 que o Pé Vermelho teve uma reunião para fazer um balanço do grupo e determinar as ações para aquele ano. Sendo uma das discussões a retomada da festa junina, que tinha ficado na memória coletiva dos assentados, como uma época onde todos se encontravam e trocavam experiências.

São esses momentos significativos que se fixam na memória da comunidade que vão provocar a retomada da festa junina, nos seus esforços de trabalho coletivo, onde todos faziam com que aquela festa divulgasse o assentamento como um lugar para festejar, bem como demonstrar ser aquele um local de trabalho e luta.

Neste sentido, um dos marcos importante para o grupo foi ter promovido no assentamento o resgate da tradicional festa junina, que ficou sem ser realizada por três anos por razões econômicas e sociais. Graças a estas lembranças, trabalho coletivo e organização dos assentados é que foi possível a retomada da festa junina na comunidade. Outro fator importante é que em abril de 2009 o assentamento comemorou 20 anos da sua desapropriação, conquista e luta, então, nada melhor para a comemoração do que o resgate da tradicional festa junina. Pois como afirma Bogo (2009) "... cultura, trabalho e existência estão interligados. Por isso definimos primeiramente a cultura como sendo tudo o que fazemos para produzir a nossa existência" (p.21).

A proposta de retomada seguiu com alguns desafios como: reunião com comunidade e mobilização da mesma; organização da parte cultural; recursos financeiros; buscar parcerias; ofícios à prefeitura; ofícios para conseguir palco, som/luz, barraca, limpeza do terreirão; material de divulgação (panfletos/cartaz); banda; decoração e arrecadação dos alimentos com a comunidade.

Na primeira reunião compareçam os jovens e alguns adultos que queriam ver

a retomada da festividade, para os jovens seria uma oportunidade de lazer, já os adultos esperavam obter uma renda complementar. Os antigos organizadores não participaram nas primeiras etapas da organização, talvez por não acreditar que os jovens pudessem reavivar a festa, eles só mudaram de posição quando viram a festa noticiada e as arrecadações sendo feitas.

A festa manteve a tradição da distribuição gratuita de algumas comidas típicas como: pipoca, mandioca frita, doce de abóbora, doce de mamão e bolo de fubá, expressão da vontade promover o assentamento e valorizar a reforma agrária. Foi feita uma mesa em que os assentados puderam expor os alimentos produzidos no lote. Esta mesa expositora foi um sucesso, pois o público ficou surpreso com a qualidade dos alimentos produzidos nesta comunidade.



### **Mesa expositora com os produtos produzidos nos lotes dos assentados**

Assim, o esforço desse trabalho coletivo resultou em uma festa com um público de aproximadamente quatro mil pessoas vindo de Araraquara e região que puderam prestigiar a festa e conhecer o assentamento. A festa se consolida como espaço de sociabilidade dentro do assentamento, tamanha foi a repercussão da retomada, que grupos antagônicos se reuniram para discutir a organização do evento em 2010.

Desde a implantação do grupo Pé Vermelho, seus idealizadores tinham como objetivo restabelecer o diálogo com todos os grupos do assentamento que ao longo dos vinte anos foram perdendo o espírito coletivo da comunidade. Pois conforme Caldart (2003, p.57).

As pessoas não aprendem a ser humanas sozinhas; sem os laços de sua participação em coletivos elas não conseguem avançar na sua condição plenamente humana. Pessoas desenraizadas são pessoas desumanizadas, que não se reconhecem em nenhum passado e nem têm projeto de futuro.

Outra ação significativa ocorreu em outubro de 2009, com a segunda festa do dia das crianças, que reuniu crianças e representantes do assentamento Bela Vista do Chibarro, Horto Guarani (Pradópolis e Guatapar), o assentamento Vitória (São Carlos) e Comunidade Agrária 21 de Dezembro (Descalvado). Foi um dia importante para a integração das comunidades assentadas. Também, aconteceu recreação e divertimento, com jogos, caça ao tesouro e lanche coletivo. A participação das mulheres e dos jovens foi, novamente, expressiva nessa ao.

O tema norteador da festa foi "Orgulho de Ser Assentado", tinha como objetivo contribuir com a interação das crianças assentadas e aproveitar o feriado para promover a reflexão acerca da coletividade, identidade, memória e importância da reforma agrária.

12/10/09

Pé Vermelho

Dia Das Crianças

Eu gostei muito da Festa Do Dia das Crianças e o Pé Vermelho faz festas lindas as crianças de Pradópolis não muito legais e divertidos Tava indo tão Bem mas o choro fez com que parasse a Chincama mas continuamos no patio da Escola Foi legal Agradeço ao Pé Vermelho por fazer as crianças e moradores do Assentamento Bela Vista felizes

Espero que continue até o fim e a Bela Vista mude mas para melhor nós queremos que arrumem o salão para festas e alugem para Aniversários de 15 anos. e espero que e eu sei que vocês só querem o Bem do Assentamento, nós somos muito grates a vocês.

Parabéns  
por  
Tudo

Ass: Camila Stravatti  
8º ano

Redação feita por criança agradecendo o grupo Pé Vermelho e a visita das crianças do assentamento e Pradópolis e Guatapará

Nome: Larissa F. B. 8º ano.

Eu gostaria que eles fizesse mais umquinho de festas. Aqui na Bela Vista. Apesar que vocês estão fazendo. Somos muito grato a vocês. Tempos lá que agradeçam vocês por essas festas que foram realizadas. O pé Vermelho eles todos são muito bacando se não fosse eles a festa Summa não teria acontecido. eles todos do pé Vermelho são muito criativos.

No dia das crianças, que foi dia 12/10/2009.

Foi muito divertido as crianças de Pradópolis e Guataparã ficaram muito felizes que eles nunca tiveram oportunidade de estar brincando.

Tive lanche para as crianças, brinquedo para eles. Deu bola.

a única coisa que estragou foi a chuva.

Mas em fim foi legal.

Pararam por aqui

Principalmente os punte que estão fazendo coisas erradas não graças a vocês. eles pararam e pensaram aqui. Vamos ajudar o pé Vermelho.

Pararam por aqui

O pé Vermelho continue assim.

Vocês são muito legais se vocês continuarem assim vão conquistar muito mais o Voto Muroto.

Temos orgulho de ser Pé Vermelho.

E sempre tenham orgulho de ser Pé Vermelho

Nunca desisto de realizar qualquer festa tenho certeza que vai conseguir com a Voto ajuda e de todos vocês.

Se não fosse vocês o Bela Vista não ia ter mais graça. estava todo mundo desanimados. Mas vocês não deixaram o povo cair. vocês ajudaram a levantar a cabeça e seguir a vida.

Redação feita por criança agradecendo o grupo Pé Vermelho e a visita das crianças do assentamento e Pradópolis e Guataparã



Entretanto, esta comemoração do dia das crianças não foi realizada no ano de 2010, pelo fato de o grupo ter se dedicado a outro projeto em andamento, que foi o "Paiol de Arte e Cultura". Este tem a intenção de trabalhar com as artes visuais, artes cênicas, gestão/planejamento cultural, métodos/caminhos e cineclubes, em parceria com Kruppa.arquitetura.artes.cultura e o Núcleo de Estudo e Fazimento da Cena<sup>8</sup>. Vejamos a seguir um pouco mais sobre o Projeto Paiol de Arte e Cultura.

### **Paiol de Arte e Cultura: semeando novos caminhos**

Outro projeto em andamento é o Paiol de Arte e Cultura, em parceria com diferentes atores sociais que pretende, através da cultura, fomentar a arte como pensamento, visando a liberdade de criar idéias e reflexões, estimulando processos autênticos de expressão cultural. Assim, Bogo (2009, p.19) diz:

Nossa tarefa imediata é desenvolver a consciência nas suas diferentes formas para que possamos superar os atrasos culturais que pairam sobre determinados aspectos de nossa existência social. Devemos corrigir desvios surgidos a partir da convivência social e possibilitar a formulação e a prática de novos valores culturais.

Cada vez mais a cultura se tornará consciência, pois é comportamento que se manifesta nas mínimas relações do cotidiano, é postura frente ao mundo em que estamos inseridos.

O paiol é o local que se destina ao armazenamento de provisões e ferramentas de acordo com as necessidades do sitiante ou de uma comunidade. O Paiol de Arte e Cultura pretende ser progressivamente um depósito de sementes criativas e seus apetrechos para a reflexão, criação, formação, produção, difusão, circulação e avaliação do pensamento, através da arte. Nele guardamos

---

<sup>8</sup>Kruppa arquitetura.artes.cultura – constituídos por um grupo de arquitetas e artista que desenvolvem atividades de arquitetura, arte e cultura em Araraquara e região e Núcleo de Estudo e Fazimento da Cena – é a junção de ações e pesquisas integradas junto a coletivos de profissionais e iniciativas de formação na área cênica, enquanto espaço de visualização e questionamento do meio em que estamos inseridos, através de apresentações, cursos, montagens, mostras, palestras, seminários e outros meios que possibilitem um aprofundamento no campo da cena.

memórias, bagagens, mantimentos e, principalmente, condições efetivas para o cultivo de "roças artísticas", para a manutenção e replantação de uma existência fecunda na sua mais instigante expressão.

Este projeto tem a intenção de trabalhar com as artes visuais, artes cênicas, gestão/planejamento cultural, métodos/caminhos<sup>9</sup> e cineclube, estruturando em seis partes. A primeira, o *Planejamento* para mapeamento do local e da comunidade e avaliações para novos encaminhamentos; a segunda parte será a *Semeadura* para estimular a arte como pensamento de transformação da realidade dos assentados; a terceira parte é o *Cotejamento*, ou seja, o momento do diálogo entre o grupo local e outros grupos, confrontando assim seus conhecimentos artísticos e culturais; a quarta parte é o *Plantio*, onde os grupos locais formados farão ações na comunidade do assentamento, possibilitando a valorização do meio e sua autonomia cultural. Finalmente, a quinta e a sexta parte são a *Lavoura* e a *Colheita* que serão a montagem de apresentações artísticas e a circulação pelo assentamento e em outras localidades.

O projeto está em andamento, sendo que a primeira e a segunda parte foram concluídas no primeiro semestre de 2010, com o mapeamento do local e da comunidade, tendo, ao mesmo tempo estimulado a arte como pensamento nas aulas de arte cênicas juntos aos jovens do assentamento. O terceiro passo foi a realização de um diálogo entre grupo local (a comunidade e jovens do assentamento), com outros artistas confrontando conhecimentos artísticos e culturais e mais uma prática de intervenção. A escolha do local para esta intervenção levou em conta o seu valor histórico, o que poderia contribuir para valorização da memória do assentamento.

Através de discussões feitas entre os jovens e algumas pessoas mais velhas da comunidade, decidiu-se fazer a reforma da vasca<sup>10</sup>, pois a mesma era um

---

<sup>9</sup>Pensando na educação como novos caminhos, novas possibilidades e discussões sobre as questões que os jovens enfrentam no assentamento.

<sup>10</sup>Ao final da década de 1940, para melhor a qualidade de vida da população residente, sobretudo das mulheres responsabilizadas pelas tarefas domésticas, a usina instalou um sistema de fornecimento de água em grupo, construindo VASCAS coletivas para a lavagem de roupa. Em razão da enorme presença de italianos, desde os primeiros anos do século XX, a palavra italiana VASCA (pia) passou a ser utilizado com o significado de tanque de lavar roupa, que na área rural, também é usado para lavar louça, lavar o rosto, escovar os dentes, etc.

lugar de socialização das mulheres. Além de lavar roupa conversavam os mais variados assuntos e à noite o lugar servia como ponto de encontro. A terceira parte contou ainda com outra prática que foi uma roda de conversa com uma companhia de dança para trocas de experiências culturais entre campo e cidade.



### **Intervenção Vasca**

Esta prática foi realizada na escola do assentamento com participação da comunidade, jovens e autoridades de Araraquara. Possibilitou, entre os jovens e a comunidade, trocas de experiências que valorizam o meio rural e sua cultura camponesa, bem como sua forma de trabalho na área cultural.

A fim de fortalecer os laços afetivos da comunidade estas oficinas procuram valorizar o patrimônio imaterial do assentamento, os lugares de memória do local, no intuito de despertar o olhar atento dos participantes para instigar a reflexão sobre questões relevantes da identidade cultural.

São projetos em parceria com diferentes atores sociais que pretendem, através da cultura, fomentar a arte como pensamento, visando a liberdade de criar ideias e reflexões, estimulando processos autênticos de expressão e valorização cultural local. Outra proposta envolve o Turismo Rural, que aparece de forma tímida, por exemplo, por meio do aproveitamento do patrimônio arquitetônico do final do século XIX através de projeto de realização de visitas locais monitoradas. Durante estas visitas notou-se que os visitantes se interessam por tudo no assentamento desde os produtos, histórias e estórias estando dispostos a pagar inclusive por estadias. E algumas famílias já receberam diárias de atividade do turismo educacional<sup>11</sup>, isto acontece desde 2008 anos quando escolas particulares foram visitar o assentamento para realização de atividade escolar.

---

<sup>11</sup>O turismo educacional, caracterizado primordialmente por viagens de estudo ao meio, é uma ferramenta de auxílio para a construção da percepção da realidade por parte dos alunos, uma vez que lhes permite entrar em contato com a realidade concreta.



**Visita do projeto Turismo Social do SESC ao assentamento**

A experiência foi um sucesso tanto para os estudantes que puderam aprender sobre as questões do assentamento, quanto para os assentados que puderam receber pelas diárias e alimentação. Esta atividade também promoveu o assentamento já que os estudantes criaram páginas na internet e escreveram cartas para o poder público reivindicando melhores condições para os assentamentos.

Os jovens do assentamento estão buscando alternativas de permanência. No entanto, suas atividades não têm sido contempladas com a atenção necessária, pois os projetos apresentados pelos jovens principalmente nas questões de cultura e lazer são remetidas para o clientelismo. Uma prova disso foi a promoção das festas juninas do assentamento que mesmo sendo referência cultural para cidade acabou sendo palco dos políticos que se aproveitaram da disposição e da infraestrutura emprestada pela prefeitura para se promover ou fazer suas campanhas. Os organizadores são levados a consentir com tais práticas, embora não as legitimem, pois a festa popular demanda muita infra-estrutura que o assentamento não possui. Para a continuidade da festa passam depender da lógica da troca de favores em muito sustentada por uma cultura da dádiva.

### **Considerações finais**

É necessário criar oportunidades para que os jovens dêem continuidade à agricultura familiar. Para isso, não basta ter amor a terra e resistir, mas isso tem que estar atrelado a uma política pública que garanta aos jovens uma renda regular, seja na lavoura ou em outras atividades que eles queiram desenvolver no assentamento. Além disso, deve envolver melhores condições de estudo, mais cultura e lazer e maiores possibilidade de aposentadoria, considerando que o campo já tem seus atrativos como o custo de vida mais barato, melhor qualidade de vida, a hospitalidade, estar próximo da família e a relativa liberdade do agricultor em não depender de um patrão.

A permanência dos jovens no assentamento está relacionada à condição econômica que precisa ser ampliada e agregada com tecnologia que ajude o jovem agricultor a produzir com eficiência ou poder aderir às novas alternativas produtivas. É desejável que as tecnologias facilitem o trabalho diário na lavoura e no cotidiano do campo, para inclusive romper com a idéia estereotipada que o homem do campo é pouco dotado de inteligência e, por isso, mais propenso ao trabalho manual, no qual seria capaz apenas de lidar com a enxada. Os jovens do campo dividem algumas preferências com os jovens da cidade e o acesso às

tecnologias é de interesse de ambos, pois o jovem citadino busca, cada vez mais, novas tecnologias. E o jovem rural anseia ter acesso às mesmas por acreditar que facilitam sua permanência em seu meio social, agreguem valor ao seu trabalho e à sua produção, expectativas que não necessariamente se concretizam por meio das tecnologias.

Neste sentido, é necessário criar atrativos que transformem o meio rural em um local adequado para os projetos de vida dos jovens e a valorização da agricultura familiar deve ser um elemento estratégico para reorientação das políticas que visam o desenvolvimento rural.

## Referências

BOGO, Ademar. **O MST e a cultura**. 3. ed. São Paulo/SP: Secretaria Nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, 2009.

CALDART, Roseli S. **Movimento Sem Terra: lições de Pedagogia**. Currículo sem fronteira [online]. v. 3. Jan/Jun 2003, p. 50-59. Disponível em <[http://bibliotecadigital.conevyt.org.mx/colecciones/documentos/Catedra\\_Andres\\_Bello/Agosto%202007/Lecturas/pedagogia\\_sin\\_tierra.pdf](http://bibliotecadigital.conevyt.org.mx/colecciones/documentos/Catedra_Andres_Bello/Agosto%202007/Lecturas/pedagogia_sin_tierra.pdf)> Acesso em: 21/03/2011

FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de. O cotidiano dos assentamentos de reforma agrária: entre o vivido e o concebido. In: FERRANTE, Vera Lúcia S. B.; WHITAKER, Dulce C.A. (Orgs.) **Reforma Agrária e Desenvolvimento: desafios e rumos da política de assentamentos rurais**. Brasília/DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário/MDA; Araraquara/SP: Uniara, 2008. p. 151-170.

FERRANTE, Vera Lúcia Botta. **Retratos de Assentamentos**. Araraquara/SP: UNIARA, Nupedor (Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural), nº09, 2004.

LUCINI, Marizete. **Memória e História na formação da identidade Sem Terra no assentamento conquista na Fronteira**. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2007.

MASCARO, Luciana. P. **Arquitetura e Modo de Vida no assentamento**

**Rural Bela Vista do Chibarro.** Dissertação de Mestrado. São Carlos: USP, 2003.

TROIAN, Alessandra; DALCIN, Dionéia; OLIVEIRA, Sibele V. **Estudo da participação e permanência dos jovens na agricultura familiar nas localidades de Dr. Pedro e Mirim em Santa Rosa-RS. Sociedade Brasileira de Economia.** Porto Alegre/RS: Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural - SOBER, julho de 2009. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/13/431.pdf>> Acesso em: 16/02/2011

VANTROBA, Eléia A. **Necessidades e perspectivas para a permanência do jovem no campo no seu ambiente.** Irati/PR: Plano de Desenvolvimento Educacional – PDE, dezembro de 2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2447-8.pdf?PHPSESSID=2010012508181580>> Acesso em: 18/04/2011.

WHITAKER, Dulce C. A.; SOUZA, Marinaldo Fernando de. A permanência dos jovens nos assentamentos de reforma agrária: um rosário de equívocos. In: FERRANTE, Vera Lúcia S. B.; WHITAKER, Dulce C.A. (Orgs.). **Retratos de Assentamentos.** n. 10. Araraquara/SP: UNIARA/ Núcleo de Pesquisas e Documentação Rural – NUPEDOR, 2006. p. 113 a 125